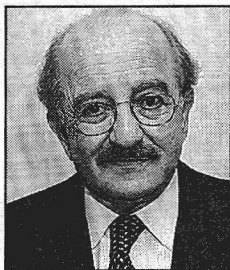


# ALBERTO TAMER

## Só o apoio do FMI não traz os investidores de volta ao Brasil

PARIS – Está bem. Já temos o acordo com o FMI. Agora, só falta tudo. O ajuste fiscal. Foi mais ou menos esta a reação do mercado financeiro internacional ao anúncio do apoio financeiro do Fundo ao Brasil, feito em Washington. Há dinheiro se e quando o Brasil precisar, mas há também condições a cumprir, que só dependem do governo e do Congresso. Para ser mais claro: está resolvida apenas uma parte do problema, a que dependia da boa vontade e da compreensão do FMI e das instituições financeiras. Todos (entre os quais está a Argentina) estão prontos para montar um mutirão de ajuda (passa o chapéu aí), sem impor nada além do que o governo há quatro anos vinha anunciando que pretendia fazer: reduzir os déficits fiscal e de contas externas, intensificar as privatizações e manter aberto o mercado de capitais. A bola agora está no nosso campo, mas, pelo amor de Deus, não ponham Ronaldinhos no Congresso.

■ O anúncio do acordo com o FMI não teve muita repercussão em Londres e Frankfurt simplesmente porque já era esperado e



havia sido absorvido pelo mercado financeiro internacional. Todos sabiam que o socorro viria logo após as eleições, tirando o Brasil da ribalta onde desempenhava um triste papel. Mas os investido-

res não voltarão tão cedo, pois estão ainda céticos quanto à possibilidade de o governo e o Congresso efetivarem as reformas sem as quais não se desfaz este clima de desconfiança e o dinheiro não sai.

■ “O discurso do presidente reeleito Fernando Henrique Cardoso foi recebido com desapontamento, porque não anunciou nenhuma medida fiscal clara,” afirma o Société Generale, em sua análise diária do mercado. Os investidores do Brasil ainda terão de esperar muito, acrescenta o ANZ Investment Bank. Certamente eles pensam nas reações do Congresso, onde o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, já começa com o lenga-lenga da “autonomia dos Estados e Municípios,” os mesmos que estouraram o déficit público e gastaram dinheiro das privatizações na campanha eleitoral, antecipando até o 13.º salário de dezembro.

■ Essas afirmações – cito apenas duas entre muitas que circularam neste fim de semana em Londres e Paris – refletem o clima de desconfiança no Brasil provocado por promessas anteriores, idênticas, que não foram cumpridas, por rejeição do Congresso e falta de decisão política do governo, convencido de que poderia continuar vivendo de empréstimos de curto prazo.

### Privatizar, não mais imposto

Para o deputado Roberto Campos, a situação externa agravou-se e é mais difícil para o Brasil porque o governo tem um “déficit de credibilidade”, porque não implementou o pacote de 51 medidas do ano passado. “Aumentou impostos, mas não cortou gastos.” Ele critica a ausência, no discurso do presidente, de uma decisão firme de acelerar as privatizações. Campos lembra que a privatização da Petrobrás e da Petrobrás Distribuidora deveria fazer parte deste novo pacote. “Só essas duas dariam US\$ 18,8 bilhões. Se acrescentarmos Furnas, com mais US\$ 7 bilhões, chegaríamos a US\$ 25,8 bilhões. Ou seja, mais que a economia fiscal de US\$ 25 bilhões que o governo pretende fazer com corte de gastos e, acima de tudo, aumento de impostos.”

### A vitória de Campos

O deputado Roberto Campos, diplomata de carreira, deveria

ser nomeado embaixador itinerante para ajudar a restabelecer a credibilidade corroída do país, aqui fora, onde é considerado um dos mais brilhantes e lúcidos economistas brasileiros. Apesar de ter ficado em segundo lugar na disputa para o Senado, Campos foi, na verdade, o grande vitorioso das eleições, no Rio. Obteve 2.0030.000 de votos, 33,7% do total, ante 38,10% de Saturnino Braga, no qual a esquerda concentrou os votos. Campos teve também mais que o dobro do terceiro colocado, ex-governador Moreira Franco, (13,78%), e praticamente o mesmo número de votos do candidato a governador, no segundo turno, o ex-prefeito César Maia. Foi, no fundo, uma bela vitória de quem, desde 1964, ficou longe de cargos executivos, sempre lutou contra a maré e teve a coragem e coerência de defender idéias impopulares, que eram verdadeiros tabus, como privatização, extinção dos monopólios, redução do tamanho do Estado, abertura e integração do Brasil no mundo, fim das reservas de mercado, liberdade para o movimento de capitais. Propostas então polêmicas, então verdadeiros tabus, que se confirmam hoje e são aceitas amplamente pela população, após mais de 30 anos de uma luta solitária. Daí a sua grande vitória no Rio de Janeiro. Não foi eleito, mas ganhou.

■ E-mail desta coluna: 106406.3406@compuserve.com e atamer@ibm.net